

A temática da violência escolar na formação docente inicial: das lacunas existentes às discussões necessárias

9

The theme of school violence in initial formation of teacher: from existing faults to the necessary discussions

Denis Domeneghetti Badia*

Ana Paula Poli**

Nathália Cristina Amorim Tamaio de Souza***

Resumo: O presente artigo emergiu de uma reflexão sobre os percalços que afligem e chocam os professores, sobretudo no início da carreira, entre os quais se destaca tanto nos estudos quanto nos relatos propalados pelos próprios professores: a violência manifestada dentro e fora das salas de aula. Dada essa constatação e a evidente necessidade de sua superação para além de medidas efêmeras, esta pesquisa traça dois objetivos igualmente relevantes: a) incitar a discussão sobre a violência no momento da formação docente inicial, bem como o surgimento de novos estudos acerca dessa temática no âmbito da pesquisa acadêmica; e b) transgredir a tradição de pesquisas que consistem em recomendar prescrições a serem aplicadas sobre como banir a violência escolar, desconsiderando as peculiaridades de cada contexto. Tais objetivos são provenientes da seguinte questão norteadora: quais estratégias são desenvolvidas nos cursos de licenciatura e que visam à preparação do futuro professor para lidar com o fenômeno da violência na escola básica? Intentando responder a essa questão e, portanto, contemplar os objetivos delineados, optou-se pela análise de material bibliográfico especializado, sistematicamente selecionado, como procedimento metodológico. Como principal resultado, verificou-se que a discussão da temática da violência

* Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor nos cursos de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), vinculado ao Departamento de Ciências da Educação. Coordenador do Grupo de Estudos Antropologia do Imaginário e Culturálise de Grupos. *E-mail:* denis@fclar.unesp.br

** Pedagoga pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da mesma instituição. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Filosofia para Crianças. Bolsista da Capes. *E-mail:* anapaulapoli@live.com

*** Pedagoga pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da mesma instituição. Membro do Grupo de Estudos Trabalho Docente, suas Relações com o Universo Escolar e Sociedade. Bolsista do CNPq. *E-mail:* nathytamaio@hotmail.com

escolar na formação inicial é algo ainda escasso na prática e incipiente na esfera da pesquisa. Assim sendo, enfatiza-se a importância do fortalecimento de tal discussão, a fim de que, ao ingressarem na carreira docente, os futuros professores sintam-se devidamente subsidiados para enfrentarem os desafios cotidianos que venham a se manifestar ao longo do exercício da profissão.

Palavras-chave: Violência escolar. Formação inicial de professores. Educação Básica.

Abstract: This paper emerged from a reflection on the troubles afflicting and shocked teachers, especially early in his career, among which stands out both in studies and in reports propagated by the teachers themselves: the violence manifested in and out of classrooms. Given this finding and the obvious need for overcoming beyond ephemeral measures, this research outlines two equally important goals: a) incite the discussion of violence at the time of initial teacher training as well as the emergence of new studies concerning this subject in academic research and b) transgress the tradition of research that consists in recommending prescriptions to be applied about how banning school violence, disregarding the peculiarities of each context. These objectives are derived from following question: which strategies are developed in undergraduate courses that aim to preparing of future teachers to deal with the phenomenon of violence in elementary school? Intending to answer this question and, therefore, contemplate the objectives outlined we opted for specialized bibliographic material analysis, systematically selected as the method. As a main result, it was found that the discussion of the theme of school violence in the initial teacher training is something still scarce in practice and incipient in the sphere of research. Therefore, we emphasize the importance of strengthening of this discussion so that when they get into career teaching, future teachers feel adequately subsidized up to face the everyday challenges that may manifest over the profession.

Keywords: School violence. Initial teacher training. Basic Education.

Introdução

A escola, espaço onde se consolidam as interações sociais entre crianças, professores e demais profissionais da educação, vem se apresentando como palco de situações conflituosas e demonstrações de ações consideradas violentas. Pesquisas têm sido realizadas com o objetivo de desvendar a origem de tais ocorrências e o entendimento de como elas se alastram para propor programas que resolvam ou minimizem a violência no meio escolar. Contudo, como apresentaremos adiante, não

há prescrições que possam ser aplicadas em todo e qualquer contexto escolar com esse intuito.

Considerando que está sob responsabilidade do professor o controle das situações que ocorrem em sala de aula e que, por sua vez, afetam todo o ambiente escolar, neste estudo defendemos que sujeitá-lo ao enfrentamento da violência escolar, estando ele desprovido de conhecimento prévio sobre como ela se constrói, se propaga e quais os métodos mais apropriados para seu combate e prevenção, é entregá-lo à própria sorte. Destarte, tendo consciência dessa realidade e, sobretudo de suas implicações no desenvolvimento do trabalho docente, indagamos: Quais estratégias são desenvolvidas nos cursos de Licenciatura que visam à preparação do futuro professor para lidar com a violência na escola básica?

A Proposta de Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores da Educação Básica (BRASIL, 2000) rege orientações e princípios que norteiam uma formação baseada na diversidade e nos direitos humanos. No entanto, tais orientações não são suficientemente incorporadas ao conjunto de disciplinas, o que compromete a clareza dos formandos sobre a violação desses direitos. Em outras palavras, ocupam um espaço tão reduzido que são incapazes de preparar o futuro professor para encarar as mais diversas formas de violência, seja ela verbal, seja ela física. Nesse sentido, destacamos a relevância de serem reforçados os estudos relativos à violência na base curricular dos cursos de formação, com a finalidade de se capacitar os professores com um aparato inicialmente teórico.

Contudo, já se sabe pelas pesquisas sobre formação de professores (GATTI; BARRETO; ANDRÉ, 2011; GATTI; NUNES, 2008; LÜDKE; CRUZ, 2005) que os cursos de Licenciatura mantêm currículos fragmentários, predominância de estudos teóricos e modelos idealizados de escola, de alunos e de ensino e se concentram no exercício de uma reflexão de caráter pessoal sobre a própria prática do licenciando, num esforço isolado do contexto em que ela se consolidará. Assim sendo, salientamos que é igualmente importante que também seja contemplada a inclusão do tema *violência escolar* nos estágios curriculares supervisionados dos cursos de Licenciatura, posto que eles são considerados a principal modalidade de prática do futuro profissional e que tendem, por propiciarem vivências reais com o cotidiano escolar, a gerar tensões nos estagiários em face das situações de violência presenciadas. (CORREA; PIOTTO, 2007).

Discussões sobre questões que abarquem a violência podem evitar muitos desconfortos para o professor no momento em que se depara com uma classe que apresente problemas de indisciplina, agressividade e *bullying*; possíveis desentendimentos com seus pares e com membros da gestão escolar; problemas com a família dos alunos, entre outros que exigem do professor segurança e conhecimento para aprender a construir uma forma de habituar-se às divergências que marcam os sujeitos envolvidos no processo educativo.

A ideia de reunir estudos com diferentes enfoques, isto é, a formação inicial de professores e a temática da violência escolar, é decorrente da nítida escassez de trabalhos que se debruçam na perspectiva da intersecção de ambas, a qual desejamos investigar e que, a nosso ver, é de suma importância.

Ao realizarmos uma busca na conceituada base de periódicos do *Scientific Electronic Library online* (SciELO) com os descritores *violência escolar e formação docente*, *violência e formação de professores*, *docência e violência na escola*, *violência escolar e formação do professor*, foram localizados um total de 21 artigos, sendo que 15 inserem-se na área das ciências biológicas, e os 6 restantes referem-se muito mais às ocorrências de violência do que à discussão da temática no momento da formação inicial. Ademais, metade desses estudos não tem como foco a violência propriamente escolar, mas essa é usada como ponte, como campo de investigação, para se entender um campo mais abrangente.

Optamos, assim, pelos artigos que trazem contribuições específicas acerca da violência nas instituições escolares, como as que Sposito (1998) caracteriza como *stricto sensu*, ou seja, aquelas que nascem na escola ou que têm uma relação direta com o estabelecimento de ensino. (AQUINO, 1998; SPOSITO, 1998; 2001). Ressalta-se que recorreremos também aos clássicos da área da antropologia, filosofia e sociologia para subsidiar nossas averiguações.

Todavia, antes de adentrarmos aos dados mais específicos desta pesquisa, consideramos primordial, em um primeiro momento, resgatar as diferentes acepções e manifestações que permeiam a temática da violência de acordo com as pesquisas da área. Em um segundo momento, desvelamos o alvo desta investigação, ou seja, a explicitação de meios que venham a munir o futuro professor de conhecimento cuja finalidade seja subsidiar suas ações diante de possíveis situações de violência na escola. Nas considerações finais, tecemos algumas contribuições aos

estudos que envolvem formação docente e violência no âmbito da Educação Básica.

As pesquisas sobre violência: compreendendo a temática à luz da bibliografia

As histórias humanas estão continuamente carregadas da presença da violência. Nota-se, pois, a presença de uma encenação da violência, ainda que atuando com algumas modificações, manifestada de forma cíclica como um dado social e psíquico do ser humano.

Para Dadoun (1998) a violência está presente em nós, humanos, muito mais do que achamos e/ou desejamos. Segundo o autor, o homem seria definido e estruturado de forma intrínseca e fundamental pela violência.

A fim de entender essa violência que caracteriza o homem, para podermos no momento subsequente pensar na sua configuração no ambiente escolar, optamos, neste item, por trazer as contribuições do sociólogo francês Michel Maffesoli para entendermos qual seria a dinâmica executada pela violência. Para tanto, recorreremos à compreensão da sombra da violência fundadora que se refere a uma *história natural do mal* (LORENZ, 1974) e que suscita o *homo violens* (DADOUN, 1998) como sujeito de estudo.

Segundo Maffesoli, a violência, que é ambivalente, possui aspectos polifônicos e fascinantes nas histórias humanas, uma “misteriosa violência que nos obscurece, que ocupa nossa vida e nossas discussões, que perturba nossas paixões e razões”. (1987, p. 9). Nessa colocação, Maffesoli nos instiga em variados aspectos: a pluralidade que é própria da violência; as forças (energias) que a constituem; e sua ambivalência – sim – ela perturba todos, sobretudo aqueles que se propõe a investigá-la.

Esse caráter não integrado da violência torna sua teorização ainda mais delicada e o “fato de que ela não possa pertencer estritamente a um discurso definido, aumenta ainda mais a sua monstruosidade”. (MAFFESOLI, 1987, p. 15). A palavra *monstruosidade* colocada por Maffesoli pode nos levar a mais uma vez tentar direcionar nosso olhar para um único ponto, aquele em que a violência só possui uma função destruidora (o que não deixa de ter um papel importante como estruturação social). Mas observamos que, ao contrário disso, o autor usa tal formulação para enfatizar mais uma vez as inconstâncias que esse pensamento acerca da

violência nos causa e como são vastas as suas possibilidades de interpretação.

Nesse sentido, faz-se importante entender que é impossível analisar a violência de uma única maneira, tomando-a como um fenômeno único, já que nela estão presentes inúmeros valores, rituais e tratados, além de incontáveis maneiras de executá-la e de ser atingido por ela. É pertinente, portanto, incorporar a contribuição de Maffesoli (1987) neste estudo, visto que, a partir da sociologia do cotidiano, a socioantropologia, isto é, a “sociologia dos fatos miúdos e obscuros do dia-a-dia ou dos aspectos tidos como superficiais na existência” (p. 7), podemos encontrar subsídios para confrontar a pluralidade que a violência sempre e novamente se apresenta em nosso cotidiano.

Entendendo as histórias humanas pela sucessão de ciclos, conforme o referido autor, convém relativizar, dando atenção ao minúsculo, que caracteriza uma sociologia do cotidiano, pois as funções macroscópicas, por mais úteis que sejam, não devem nos deixar esquecer que existe uma multiplicidade de trocas, de lóstimas, de atrações e de conjugações que contribuem para que, nesse caso específico, entendamos a violência e as constituições dela em nosso cotidiano, posto que ela o estrutura e o desestrutura repetidamente.

Segundo a linha de pensamento de Maffesoli (1987), a violência não é senão “um elemento estruturante do fato social e não o resto anacrônico de uma ordem bárbara em vias de desaparecimento”. (p. 08). Ou seja, a preocupação do autor está em pensar a violência e como ela atua na constância das histórias humanas. Para ele, a violência e suas diversas modulações e manifestações minúsculas é a herança comum a todo e qualquer conjunto civilizacional. Portanto, o que o autor pretende, e o que buscamos aqui, não é saber se agora há mais ou menos violência, mas apenas reconhecer que se trata de uma estrutura constante do fenômeno humano e, mesmo que de maneira paradoxal, a violência representa um papel plural e fundamental na vida em sociedade. (MAFFESOLI, 1987).

Sendo assim, uma vez que ela – a violência – está presente em todas as estruturações sociais, Maffesoli (1981, 1985, 1987) apresenta algumas de suas modulações: a violência anômica (que tem uma função construtiva); a violência banal (que está ativa na paixão social, resistência da massa); a violência totalitária (frequentemente ignorada dos poderes instituídos, a dos órgãos burocráticos, dos Estados, do serviço público),

modulações de suma importância à compreensão dos aspectos da violência, mas que, neste momento, será de uso apenas aquela chamada de violência fundadora, a violência anômica.

Longe dos maniqueísmos inventados pela sociedade que opõe bem e mal como forma de classificar atitudes, comportamentos e significações, Maffesoli (1987) afirma que a dissidência social pertence a um duplo movimento de destruição e de construção, ou seja, “é reveladora de uma desestruturação social relativamente manifestada, que continuamente invoca uma nova construção” (p. 21), em que não exista equivalência e nem comparações entre o que seria do *plano do erro* e o que seria do *plano da verdade*.

Nessa perspectiva, a violência anômica seria uma violência fundadora. Grosso modo, a sociedade funda um tipo próprio de violência para lidar com a dissidência social que ela mesma cria. Quando a sociedade se movimenta dessa forma, observamos a tentativa de se instalar um equilíbrio social do qual a anomia não seja excluída.

Com o intuito de compreender a eficácia social do objeto com que nos ocupamos neste momento (a violência), é preciso analisar aspectos contraditórios mas/e sobretudo, dependentes. Para isso, Maffesoli nos fala do aspecto construtivo e destrutivo (como uma atitude afirmativa) que seria um auxiliar da ordem, no momento em que a violência é integrada num mecanismo produtivo (num *mecanismo englobante*) do qual ela é aparentemente negação, mas que a torna útil, ou seja, um aspecto que integra a ambiguidade da violência entre sua utilidade e destrutividade simultânea. Sendo assim, quando é que surge o crime, a violência sanguinária e sem medidas? Quando um dos polos entre desordem e ordem é bloqueado.

Desse modo, seria arriscado estabelecer limites para a questão da violência, pois, como coloca Maffesoli (1987), a ordem do mundo é o eterno conflito no qual a violência será um objeto de negociação perpétuo quando se tem primazia pelo equilíbrio. Em síntese, a violência fundadora cria uma dinâmica própria entre destruição/construção, a fim de obter um equilíbrio global, o que é feito através da própria ritualização da violência.

Descortinando a violência nas escolas: o que dizem as nossas fontes?

Por estar inserida em uma sociedade onde há conflitos de diferentes naturezas, a escola não fica imune às mais diversas modulações de violência destacadas há pouco por Maffesoli. Nessa direção, indagamo-nos: O que dizem as nossas fontes, por intermédio do aspecto fundador da violência, quando nos remetemos ao cotidiano escolar? Elas nos dizem que quando pensamos no homem como um ser que carrega consigo, em suas histórias humanas, a violência, essa adentra os muros da escola e lá é executada também, mas com rituais peculiares.

A indisciplina, as depredações, as agressões físicas são imagens de uma anomia que a todo momento tentam romper com a ordem da instituição, com as ditaduras da moral e por que não dizer que vão ao encontro de um desejo de viver irreprimível (MAFFESOLI, 1987) daqueles que ali convivem? Enfim, que vão em direção a um lado obscuro do ser que constantemente queremos negar.

Dentre as diversas manifestações da violência, Guimarães (1996) destaca, entre as constantes no meio escolar, a depredação como sendo uma atitude de extremismo contra as imposições da instituição. Já Aquino (1999) alerta para as relações interpessoais subversivas, sobretudo entre professores e alunos, enquanto estudos mais recentes têm apontado o *bullying* como forma de violência escolar que tem afetado a aprendizagem e a autoestima dos alunos. Como se sabe, o *bullying* é caracterizado como uma sequência de maus-tratos adotados por um ou mais indivíduos em relação a outro, podendo ser de caráter físico e/ou psicológico. (LOPES NETO et al., 2003; FANTE, 2005).

Aquino (1998) também coloca em evidência a violência embutida na prática pedagógica do professor e na própria constituição da escola como instituição. Segundo o autor,

não há exercício de autoridade sem o emprego de violência, e, em certa medida, não há o emprego de violência sem exercício de autoridade. Portanto e em suma, a violência como vetor constituinte das práticas institucionais teria como um de seus dispositivos nucleares a própria noção de autoridade, outorgada aos agentes pela clientela/público, e avalizada pelos supostos “saberes” daqueles. Por essa razão, reafirmamos a convicção de que há, no contexto escolar, um *quantum* de violência “produtiva” embutido na relação professor-aluno, condição *sine qua non* para o funcionamento e a efetivação da instituição escolar. (AQUINO, 1998, p. 15).

O que podemos perceber, diante do reconhecimento dessas manifestações, é que, primordialmente, o assunto em questão – a violência – requer cuidado. É preciso olhar o tema de forma mais ampla e compreensiva de modo a aprofundar nosso conhecimento, objetivando sair do pensamento preconceituoso e precipitado, que, muitas vezes, acaba por restringir (esse irrestringível) assunto, ou mesmo, como assinala Loureiro, negar esse fenômeno real, visível ou subliminar. Para ele,

há muito a violência rompeu os muros escolares, irrompeu, ou brotou, na escola, parecendo querer ficar, dominar, malgrado as boas intenções e ações para combatê-la nos seus efeitos [...]. Nem só fora, do exterior, a violência chega à escola. Ela explode também de dentro para fora, na pedagogia adotada, na gestão exercida, nos princípios propostos, na maneira de os propor e buscar a concretização, na ausência da *alteridade*, no *etnocentrismo* e *furor pedagógico*. (2000, p. 130, grifos do autor).

Dadoun (1998) esclarece que a violência acomete nossa vida desde que nascemos e assim continua a nos acompanhar por toda a nossa existência tanto no momento em que a praticamos quanto quando somos vítimas dela. Por ser a violência comum ao homem, esse “ser de violência, *homo violens*”, é que devemos compreendê-la, para, então, percebermos suas configurações na escola. Mas, como bem sinalizam Teixeira e Porto (2004), não há receitas prontas como muito se procura para sanar a violência de dentro das escolas e muito menos existem explicações simplistas e unidimensionais sobre o assunto. Comungamos com Maffesoli (1987) ao afirmar que a violência é *pluriforme*, e que por isso não pode ser olhada de forma singular, uma vez que os comportamentos violentos são plurais.

Diante de toda a complexidade do tema, é que o professor está, de forma estática e sem saber como agir, sujeito a lidar com esse fenômeno ambíguo que é a violência. Para Aquino, psicólogo e docente da Faculdade de Educação da USP, entender a violência exige que percebamos, primeiramente, as mudanças sofridas pela própria imagem da escola.

A imagem, entre nós já quase idílica, da escola como *locus* de fomentação do pensamento humano – por meio da recriação do legado cultural – parece ter sido substituída, grande parte das vezes, pela visão difusa de um campo de pequenas batalhas civis; pequenas mas visíveis o suficiente para causar uma espécie de mal-estar coletivo nos educadores brasileiros. (AQUINO, 1998, p. 7-8).

Nesse sentido, o autor interroga: Como se posicionar perante tal estado de coisas? É difícil responder a esse questionamento, já que a própria escola e seus atores constitutivos, principalmente o professor, parecem tornar-se reféns de determinações que, em muito, as ultrapassam, restando-lhes apenas um misto de paciência e desconforto. Diante disso, a solução prática e imediata seria o que Aquino (1998) chama de “encaminhamento”, ou seja, a delegação da busca de uma possível solução do ocorrido para o coordenador, para o diretor, para os pais ou responsáveis, para o psicólogo, para o policial. Em uma situação-limite, na impossibilidade de encaminhamento, a decisão é, não raras vezes, o convite à autorretirada. Nessa circunstância, os educadores ficam “com um sentimento de ‘mãos atadas’ quando confrontados com situações atípicas em relação ao plácido ideário pedagógico”. (AQUINO, 1998, p. 9).

O que fazer, então? Indaga não só autor, mas também muitos professores em diferentes escolas do País. No tópico que se segue, pretendemos, bem como através deste trabalho como um todo, trazer algumas contribuições que nos façam pensar sobre o tema exposto, partindo de perguntas sobre como agir em relação a determinados fenômenos que assolam o trabalho docente.

Ressaltamos, ainda, que nossa intenção não é, de forma alguma, esgotar o assunto, pelo contrário. Este trabalho tem por objetivo provocar, discutir e fazer com que novas questões sejam suscitadas, por reconhecermos a grande potencialidade que os estudos acadêmicos detêm no processo de compreensão e de mudança no cenário educativo.

Segundo Sposito (2001), em primeiro lugar, é preciso ter conhecimento de que o tema da violência na sociedade brasileira só ganha o debate público com o processo de democratização. Em um segundo momento, é preciso ter consciência de que a violência no meio escolar, no Brasil, tanto advém da situação de violência social que atinge as instituições, como pode expressar ações que nascem no próprio ambiente pedagógico.

Nesse sentido, complementa Aquino: as relações escolares não implicam um espelhamento imediato daquelas extraescolares, ou seja, não é possível sustentar categoricamente que a escola tão somente “reproduz” vetores de força exógenos a ela. A violência possui uma dinâmica própria dentro das organizações escolares, pois “há algo de novo que se produz nos interstícios do cotidiano escolar, por meio da

(re)apropriação de tais vetores de força por parte de seus atores constitutivos e seus procedimentos instituídos/instituintes”. (AQUINO,1998, p. 10).

Sendo assim, não há modelos teóricos que possam ser “aplicados” nos contextos escolares. As formulações teóricas, apresentadas há pouco, apenas estabelecem um respaldo, para que compreendamos como se configura o fenômeno da violência, cujo processo é de constante construção e desconstrução, o que se faz necessário para a dinâmica da sociedade.

Através desse jogo duplo e complexo, próprio da violência, o professor pode adotar mecanismos que admitam a presença do anômico, pois talvez seja através de momentos de conflito que a relação professor-aluno possa, segundo Aquino (1998), estabelecer um aspecto positivo da violência presente nos aspectos miúdos do cotidiano escolar. Usar o conflito a seu favor seria, então, uma das formas possíveis de lidar com a dissidência na sala de aula, transformando-a em aspectos desencadeadores do diálogo.

Pensando na formação inicial nos cursos de formação de professores, que é o ponto que propormos convergir e entrelaçar todas essas questões, Zechi e Gomes, citando Camacho (2001) sinalizam que,

algumas mudanças deveriam ser iniciadas no currículo dos cursos de formação de professores, que não propiciam aos profissionais o conhecimento de como lidar com essas problemáticas e que raramente discutem questões do dia-a-dia das escolas, como a indisciplina, a violência, preconceito, discriminações e as relações que vão construir com os alunos. (ZECHI; GOMES, 2007, p. 3.251).

Dessa forma, reiteram os autores, que “a discussão sobre a problemática da violência em meio escolar está estritamente relacionada ao debate sobre a necessidade de se repensar o papel da escola e a atuação dos professores”. (p. 3.251). Assim, Zechi e Gomes conduzem ao seguinte questionamento: Como deveria estar estruturada a formação inicial de professores, visando ao enfrentamento das situações de indisciplina e violência no meio escolar?

Ao mesmo tempo que tal questionamento move respostas importantes, induz que o problema se concentra *nas* e se soluciona unicamente *pelas* ações do professor. As políticas públicas, a comunidade

escolar e a sociedade, de forma geral, exigem muito do docente, mas assinalamos que seu papel por si não é capaz de controlar, tampouco de garantir a ordem. O que se espera e que, portanto, se deve investir é no provimento de ações que possibilitem ao professor compreender, tratar e prevenir, na medida do possível, problemas de natureza violenta.

Considerações finais

À guisa de conclusão, destacamos como apontamento principal desta pesquisa a necessidade de se buscar o entendimento sobre como a violência participa das práticas pedagógicas e como ela própria assume modulações particulares que só pertencem ao meio escolar, bem como de se identificar o que os alunos querem mostrar, através dos diferentes modos de violência (depredações, pichações, brigas, indisciplina, enfim, quebra de regras), aos seus colegas, professores, à escola em sua totalidade e até mesmo aos seus pais com tais comportamentos.

Para isso, seria necessário romper preceitos, regras e distanciamentos entre os alunos, seus pares, diretores e corpo docente. Seria importante pensar e discutir com os alunos esse momento de conflito, o que também abriria espaço para conhecer e entender o imaginário dos mesmos.

Segundo Loureiro (2000), já existe um corpo docente e de direção se empenhando em aprimorar e adequar o processo de ensino e aprendizagem e da gestão, em vista do momento em que vivemos. Ele ressalta, também, que os futuros professores já estão percebendo que o problema da violência não está necessariamente fora da escola, o que pode ser o primeiro passo para o enfrentamento do problema.

Procuramos, até aqui, entender a complexidade do fenômeno da violência, que não pode ser considerada e analisada apenas em seus aspectos externos, como foi bem-assinalado pelos autores. Ela está presente no homem, caracterizando-o de forma intrínseca.

Devemos, pois, adotar uma postura simpática ao relativismo em nossas conclusões, uma vez que a perplexidade e a complexidade do tema são grandes. Pensamos que o ambiente sociocultural da escola deve, também, ser um campo de pesquisa, já que a violência não surge apenas fora e nem só dentro da instituição escolar, mas faz parte de todo um sistema educacional de ensino. Cada momento do cotidiano escolar é importante para entender o imaginário dos alunos e da própria escola, e

é a partir desse entendimento que se podem criar certos acordos entre todos em relação ao combate à violência.

Teixeira e Porto (1998), citando Guimarães (1996), enfatizam que “domesticar a violência por meio de regras e códigos de conduta rígidos parece não ser a solução”, o “desafio é canalizá-la, organizá-la, integrá-la e combiná-la *com* outras práticas sociais e simbólicas da escola”, entendendo o papel que executa essa violência que é fundadora. Trata-se, em outras palavras, de procurar formas de geri-la “enquanto figura da desordem, já que nenhuma sociedade pode ser purgada de toda desordem. É preciso, então, saber lidar com ela em vez de tentar eliminá-la”. (p. 61).

Tal premissa somente poderá ser alcançada, defendemos nós, com o fortalecimento da discussão sobre a anatomia das situações de violência nos cursos de Licenciatura, para que, assim, os professores, ao ingressarem na carreira docente, não estabeleçam um “imaginário do medo” (TEIXEIRA; PORTO, 1998), que tanto está presente no cotidiano das unidades escolares, mas uma estratégia profissional de enfrentamento.

Referências

- AQUINO, J. G. A violência escolar e a crise da autoridade docente. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 19, n. 47, p. 7-19, 1998.
- _____. *Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da Educação Básica em cursos de nível superior*. Brasília, DF, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/basica.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2013.
- CORREA, B. C.; PIOTTO, D. C. Formação inicial de professores e práticas de violência da escola: tensões vividas na realização e no acompanhamento de estágios. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 23., 2007, Porto Alegre. *Anais ...* Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- DADOUN, R. *A violência: ensaio acerca do homo violens*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.
- GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. de S.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Políticas docentes no Brasil: um estado da arte*. Brasília: Unesco, 2011.

GATTI, B. A.; NUNES, M. M. R. (Org.). *Formação de professores para o Ensino Fundamental*: instituições formadoras e seu currículo; relatório de pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Fundação Vitor Civita, 2008.

GUIMARÃES, Á. M. *A dinâmica da violência escolar*: conflito e ambiguidade. Campinas: Autores Associados, 1996.

LOPES NETO, A. A.; MONTEIRO FILHO, L.; SAAVREDRA, L. H. *Diga não para o bullying*: programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes. Rio de Janeiro: Abrapia, 2003.

LORENZ, K. *A agressão*: uma história natural do mal. Lisboa: Moraes, 1974.

LOUREIRO, A. M. L. Imaginário, violência e organização escolar: expressões mítico-simbólicas. In: PORTO, S. T.; FERREIRA, S. B. (Org.). *Tessituras do imaginário*. Cuiabá: Edunic, Cice/Feusp, 2000. p. 121-142.

LÜDKE, M.; CRUZ, G. B. Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 35, n. 125, p. 81-109, 2005.

MAFFESOLI, M. *A sombra de Dionísio*: contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *A violência totalitária*: ensaio de antropologia política. Porto Alegre: Sulina, 2001.

_____. *Dinâmica da violência*. São Paulo: Vértice, 1987.

SPOSITO, M. P. A instituição escolar e a violência. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 104, p. 58-75, 1998.

_____. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 87-103, 2001.

TEIXEIRA, M. C. S.; PORTO, M. R. S. (Org.). *Imaginário do medo e cultura da violência na escola*. Niterói: Intertexto, 2004.

_____. Violência, insegurança e imaginário do medo. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 19, n. 47, p. 51-66, 1998.

ZECHI, A. M.; GOMES, A. A. A formação do professor e a problemática da violência na escola. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 11.; ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 7., 2007. *Anais...* Universidade do Vale do Paraíba, 2007.

Submetido em 18 de fevereiro de 2014.

Aprovado em 11 de julho de 2014.